

## PRIMEIRO VOLUME

### Capítulo I

A família Dashwood havia muito que se instalara no Sussex. Possuía vastos terrenos agrícolas, e residia em Norland Park, no centro da sua propriedade, onde, geração após geração, vivera de modo tão respeitável que angariara a boa opinião generalizada dos conhecidos das redondezas. O mais recente proprietário desta quinta era um homem solteiro, que vivera até uma idade provecta, e que, ao longo de muitos e muitos anos da sua existência, tivera na irmã uma fiel companheira e dona de casa. Porém, a morte dela, ocorrida dez anos antes da sua, produziu uma profunda alteração no modo de vida daquele homem; com efeito, para colmatar aquela perda, ele convidou para a sua casa e ali acolheu a família do sobrinho, Mr. Henry Dashwood, legítimo herdeiro da quinta de Norland e a pessoa a quem ele fazia tenções de a deixar em herança. Na companhia do sobrinho e da esposa deste, e também dos filhos do casal, o velho senhor passou tranquilamente os seus dias. Os laços que o prendiam a todos eles fortaleceram-se. As atenções constantes de Mr. e Mrs. Henry Dashwood, sempre prontos a satisfazer-lhe os menores desejos, atenções estas que não resultavam do mero interesse, antes eram, isso sim, fruto do bom coração de ambos, proporcionaram-lhe todas as dádivas de bem-estar seguro que as suas cãs poderiam exigir; para mais, a alegria das crianças vinha acrescentar uma nota de encanto à sua existência.

De um casamento anterior, Mr. Henry Dashwood tinha um filho; da actual esposa, três filhas. O filho, um jovem respeitável e de temperamento regrado, tinha o futuro assegurado graças à fortuna da mãe, bem vasta, por sinal, metade da qual lhe caberia por direito quando atingisse a maioridade. O seu matrimónio, que teve lugar pouco depois desta data, veio aumentar-lhe ainda mais a riqueza. No caso dele, portanto,

a herança da quinta de Norland não se revestia de uma importância tão grande como no caso das irmãs; é que a fortuna delas, independentemente das vantagens que pudessem obter do facto de o pai herdar aquela propriedade, seria sempre escassa. A mãe delas nada possuía de seu, e o pai dispunha apenas de sete mil libras; com efeito, a metade restante da fortuna da sua primeira mulher fora também legada ao filho, e Mr. Henry Dashwood gozava somente do respectivo usufruto.

O velho cavalheiro faleceu; procedeu-se à abertura do seu testamento, e, como quase todos os testamentos, a respectiva leitura proporcionou desilusão e prazer em parcelas idênticas. O falecido não se mostrou tão injusto nem tão ingrato que privasse o sobrinho de quaisquer direitos sobre a quinta; porém, legou-lha sob tais condições que retiravam ao legado metade do seu valor. Mr. Dashwood desejava aquela herança para prover, acima de tudo, às necessidades das filhas, mais do que às suas ou às do filho; mas foi este filho, e o filho do filho, um menino de quatro anos, que o ancião designou como futuros proprietários da quinta, em tais termos que privavam Mr. Dashwood de qualquer possibilidade de assegurar o futuro das pessoas que lhe eram mais queridas e que mais careciam de meios materiais de subsistência, impedindo-o de onerar a propriedade sob que forma fosse ou de vender qualquer parcela dos seus valiosos bosques. Tudo, a quinta e as suas rendas, estava reservado para benefício desta criança, que, em visitas esporádicas com o pai e a mãe a Norland, cativara por completo os afectos do tio-bisavô, por meio dos encantos que nada têm de invulgar nas crianças de dois ou três anos de idade; um soletrar imperfeito das palavras, o desejo obstinado de levar a sua avante, muitos truques astutos e imenso barulho puderam sobrepor-se ao imenso valor de todas as atenções que, durante anos a fio, ele recebera da mulher do sobrinho e das filhas desta. Não pretendia mostrar-se ingrato, porém, e, como marca da sua afeição pelas três raparigas, deixou a cada uma a quantia de mil libras.

A desilusão de Mr. Dashwood foi, a princípio, pungente; no entanto, ele possuía um temperamento jovial e optimista, e não era descabido ter a esperança de viver ainda muitos anos e de, mantendo hábitos frugais, pôr de parte uma soma considerável em resultado da venda dos produtos de uma propriedade já de si fértil e passível de benfeitorias imediatas. A fortuna, porém, que tanto demorara a chegar-lhe às mãos, pertenceu-lhe somente durante doze meses. Foi esse o tempo que ele sobreviveu ao tio, não mais, e dez mil libras, incluindo a quantia legada pelo falecido, foi tudo o que restou para a viúva e as filhas.

Mandou-se chamar o filho, assim que se percebeu que o pai estava em perigo de vida, e Mr. Dashwood recomendou-lhe, com toda a energia e a veemência que a doença lhe permitiam, que salvaguardasse os interesses da madrasta e das irmãs.

Ao contrário do resto da família, Mr. John Dashwood não se deixava emocionar com facilidade; porém, não deixou de se sentir afectado por uma recomendação daquela natureza, num tal momento, e prometeu fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para proporcionar bem-estar àquelas mulheres. O pai ficou tranquilizado ante esta garantia, e Mr. John Dashwood teve depois todo o vagar para ponderar o que estaria ao seu alcance fazer por elas sem se deixar cair em excessos.

Não se tratava de um jovem de mau carácter, a menos que uma certa frieza de coração e um certo egoísmo sejam sinais de mau carácter; mas era, de modo geral, benquisto, pois a verdade é que agia com correcção ao desempenhar os seus deveres quotidianos. Se se houvesse casado com uma mulher de trato mais afectuoso, talvez se tivesse tornado ainda mais benquisto junto dos seus semelhantes; talvez ele próprio se tivesse tornado mais afectuoso, pois casara-se muito novo e nutria pela mulher um grande carinho. No entanto, Mrs. John Dashwood era uma caricatura a traço grosso do marido, mais curta de vistas e mais egoísta.

Quando fez ao pai aquela promessa, ele ponderou lá no íntimo aumentar a fortuna das irmãs, presenteando cada uma delas com a quantia de mil libras. Naquele momento, julgou-se genuinamente disposto a executar esse gesto. A perspectiva de receber quatro mil libras anuais, que viriam acrescer ao seu rendimento actual, já para não falar da metade restante da fortuna da mãe, inspirou-lhe sentimentos calorosos e fê-lo sentir-se capaz de gestos de generosidade. «Sim, dar-lhes-ia três mil libras; seria um gesto magnânimo, um gesto bonito! Seria o bastante para lhes proporcionar uma vida totalmente confortável. Três mil libras! Ele podia dispensar essa soma, ainda que considerável, sem incómodos de monta.» Assim pensou ao longo de todo aquele dia, e durante muitos dias subsequentes, e não se arrependeu desta decisão.

Assim que o funeral do sogro teve lugar, Mrs. John Dashwood, sem dar à sogra qualquer aviso prévio das suas intenções, chegou com o filho e com os seus serviçais para se instalar em Norland Park. Ninguém tinha legitimidade para contestar o seu direito a agir assim; a casa pertencia ao seu marido, a partir do momento em que o pai dele morrera; porém, a rudeza da sua conduta não deixou por isso de ser

bem notória, e, para uma mulher na situação de Mrs. Dashwood, como seria óbvio para qualquer pessoa com os mais elementares bons sentimentos, deve ter sido extremamente desagradável; no espírito *desta*, porém, medrava um sentido da honra tão vivo, uma generosidade tão romântica, que qualquer ofensa daquele género, fosse quem fosse o respectivo autor ou alvo, era para ela fonte de inevitável desgosto. Mrs. John Dashwood nunca suscitara muita simpatia junto de qualquer um dos membros da família do marido; até à data, porém, não tivera ainda oportunidade de lhes revelar até que ponto se conseguia mostrar indiferente ao bem-estar alheio, quando as ocasiões assim o exigiam.

Mrs. Dashwood sentiu-se tão ferida por este comportamento aviltante, e tão intensa foi a aversão que experimentou pela nora ao ver-se assim tratada, que, mal esta chegou à quinta, teve vontade de abandonar aquela casa para sempre, e só as instâncias da filha mais velha a levaram, num primeiro momento, a dar-se conta de que uma partida intempestiva quebraria as regras do mais elementar decoro; mais tarde, foi o terno amor que nutria pelas três filhas que a levou a ficar, evitando assim, para o bem delas, uma ruptura definitiva com o irmão.

Elinor, a filha mais velha, cujos conselhos se revelaram tão eficientes, possuía um intelecto penetrante e a capacidade de avaliar as coisas friamente, o que lhe conferia, embora contasse somente dezanove anos, o papel de conselheira da mãe, e lhe permitia frequentemente contrariar, para grande benefício de todas elas, os impulsos mais imediatos de Mrs. Dashwood, que, geralmente, teriam conduzido a actos imprudentes. Possuía um excelente coração; tinha tendências afectuosas e nutria sentimentos fortes, mas sabia como dominá-los; tratava-se de um saber que a mãe ainda não adquirira, e que uma das irmãs de Elinor decidira nunca assimilar.

As qualidades de Marianne, sob muitos aspectos, nada ficavam a dever às de Elinor. Era sensata e inteligente, mas ávida em tudo a que se entregava; os seus desgostos, as suas alegrias careciam sempre de moderação. Era generosa, terna, cativante; era tudo menos prudente. As semelhanças entre ela e a mãe eram incrivelmente grandes.

Elinor via com preocupação o excesso de sensibilidade da irmã; Mrs. Dashwood, por seu lado, encarecia e acarinhava esse mesmo excesso. Encorajavam-se agora mutuamente, pintando com cores violentas os apuros em que se encontravam. Os tormentos da dor que de início as subjugaram foram por elas voluntariamente renovados, procurados com afã, recriados uma e outra vez. Entregavam-se de corpo e alma à

sua amargura, buscando o acréscimo da infelicidade em todas as reflexões que lho pudessem proporcionar, decididas a repelir todo e qualquer consolo futuro. Também Elinor, pela sua parte, se sentia profundamente infeliz; no entanto, conseguia lutar, conseguia elevar-se acima dessa mágoa. Foi capaz de conversar com o irmão, foi capaz de receber a cunhada quando esta chegou e de a tratar com as devidas atenções; e foi capaz de tentar inculcar na mãe o mesmo esforço e de a encorajar a dar mostras de uma indulgência análoga à sua.

Margaret, a outra irmã, era uma rapariga bem-humorada, de temperamento ameno; porém, como já assimilara uma boa parcela do romantismo de Marianne, sem que, todavia, possuísse muito do seu bom senso, não prometia, aos treze anos, mostrar-se à altura das irmãs num estágio mais adiantado da vida.

## Capítulo II

Mrs. John Dashwood instalou-se, pois, enquanto dona e senhora da quinta de Norland; e a sogra e as cunhadas viram-se remetidas à condição de meras visitas. Enquanto tais, porém, foram por ela tratadas com cortesia discreta; e pelo marido dela, com toda a bondade que ele era capaz de manifestar a alguém que não fosse ele próprio, a sua esposa ou o filho de ambos. Instou-as genuinamente, com alguma veemência, a que considerassem Norland como o seu lar; e, dado que nenhum outro plano parecia tão aconselhável a Mrs. Dashwood como ali permanecer até conseguir encontrar uma casa satisfatória nas redondezas, o convite dele foi aceite.

A permanência num lugar onde tudo lhe recordava as delícias do passado, eis exactamente o que mais se quadrava com o estado de espírito de Mrs. Dashwood. Em tempos de alegria, nenhum temperamento se mostrava mais alegre do que o dela, nem possuía, em maior grau, aquela expectativa optimista da felicidade que constitui a felicidade em si. Na amargura, porém, ela deixava-se igualmente arrebatada pela sua imaginação e mostrava-se tão imune ao consolo como o era, nos momentos de prazer, à moderação.

Mrs. John Dashwood não aprovou, nem de perto nem de longe, o que o marido tencionava fazer em favor das irmãs. Subtrair três mil